



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11772 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

**ESTIGMA E EXCLUSÃO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA EM MEIO ESCOLAR**

Lucas Eustaquio de Paiva Silva - Faculdade de Administração, Ciências e Educação - Famart

**ESTIGMA E EXCLUSÃO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA EM MEIO ESCOLAR**

A presente pesquisa parte dos dados coletados da tese de doutorado “Um estudo sobre um grupo de jovens estigmatizados como pertencentes à carreira criminosa e ao comportamento desviante em uma escola pública de Contagem/MG”, para analisar os vários estigmas produzidos pelos educadores, direcionados aos jovens da Família Marley. Na realidade, a percepção dos vários estigmas produzidos no ambiente escolar foi desenvolvida na pesquisa e na escuta atenta das falas e discursos dos profissionais da escola, especificamente, dos professores, diretores e supervisores.

Através de uma pesquisa etnográfica, foi necessário inserir no contexto sociocultural e buscar compreender todo o processo de estigmatização desenvolvido pelos profissionais da referida escola. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados, a observação e a entrevista aberta. Participaram da referida pesquisa o Diretor, uma pedagoga e seis professores: professor de Matemática; professor de Química; professora de Português; Professor de Educação Física; Professora de Inglês; Professor de Física. A participação dos educadores na pesquisa estava condicionada a sua própria adesão.

No trabalho de campo era perceptível na fala não somente dos professores, mas principalmente do corpo administrativo da escola – diretora, supervisores, secretários – o discurso de que, em primeiro lugar, a escola não estereotipa e/ou estigmatiza nenhum estudante, ao contrário, possibilita e reforça a ideia de valorização da diferença e do respeito à diversidade. E, em segundo, um discurso privilegiado em que caracteriza a escola como uma

instituição vítima da falta de limites, de respeito e de interesse dos alunos pelos estudos.

Por meio das várias conversas que tivemos, mas, principalmente, estando na sala dos professores e observando as relações estabelecidas por eles, foi possível apreender essas percepções, através de duas categorias: *a generalização do discurso docente e a interiorização da violência em meio escolar*.

A primeira categoria referindo-se à *generalização do discurso* de que os alunos que compõem o cotidiano escolar são, ao mesmo tempo, desinteressados pelos estudos e envolvidos na marginalidade, quer pelo uso de drogas ilícitas, quer pela venda e envolvimento com o tráfico de drogas, era uma prática corriqueira na fala e nas ações desses profissionais.

É salutar refletir sobre essa construção dos símbolos na esfera professoral, isto é, nas falas e nas interações mantidas entre os professores, pudemos identificar não apenas os dois símbolos abordados por Erving Goffman, *símbolo de prestígio e o símbolo de estigma*, mas, um terceiro, que na verdade, se constrói nas relações intrínsecas que mantém com os outros dois: *a ação de transferência*.

A propósito o referido autor está falando de um contexto temporal e sociocultural totalmente diverso da presente pesquisa, ou seja, sua preocupação implicava entender as interações e os estigmas que certos grupos, observados por ele, como por exemplo, como os doentes mentais, se desenvolviam através da relação *face to face*. Em particular, os conceitos referidos acima, não contemplam as necessárias análises feitas em um contexto absolutamente diferente e de sujeitos que vivenciam outras realidades, como a entrada dos meios tecnológicos na vida cotidiana. Enquanto o *símbolo de prestígio* denota um status conquistado pelo sujeito nas relações que mantém com outro, o *símbolo do estigma* apresenta-se com características totalmente inversas, implicando um atributo profundamente depreciativo. No caso da presente pesquisa, na relação estreita com esses dois signos ocorre um movimento de “*quebra de imagem*”, em que o próprio indivíduo, estrategicamente, e através das interações com o outro, desvaloriza e estigmatiza, o espaço em que está ocupando. Referindo aos dados e, em particular, sobre esse grupo de professores, através das observações e entrevistas, foi possível apreender essa primeira característica que se refere ao modo como esses profissionais percebem a escola: *como um espaço em que há jovens, não alunos*. Foi nítido durante o contato inicial com os docentes, a percepção de que eles vieram trabalhar na referida escola, já trazendo o que Goffman (1963) chama de *Informação social*, ou seja, um tipo de informação sobre o indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes, em oposição a estados de espírito, sentimentos que ele poderia ter. O contato inicial do professor com essas informações resume-se, de forma genérica, às características permanentes que se interiorizam do lugar e do espaço em que a escola está situada. Dito de outra forma, através das interações com seus pares, há uma “*explosão*” de informações que, segundo os professores, ajudam a antecipar as ocorridas surpresas que poderiam surgir na sua chegada ao ambiente escolar totalmente novo para ele. Assim, depreciam o lugar, depreciam os alunos, para num primeiro momento, justificarem a falta de aprendizado dos alunos e a falta de

interesse na escola e, num segundo momento, tentarem, de uma certa forma, transferir os possíveis estigmas que receberão para o ambiente escolar

Assim, chegamos na segunda característica que pudemos observar, no que se refere à percepção que os professores têm da *escola: a violência entre os alunos e professores*. Principalmente nas conversas informais que tinha com tais professores, era comum escutar reclamações em relação à violência na escola. Segundo eles, a escola está entre as mais violentas da cidade, mesmo não tendo nenhum dado oficial sobre essa informação, são taxativos ao afirmarem que consideram essa escola muito violenta. Essa situação interfere diretamente nas interações que os referidos docentes mantêm com os estudantes. Segundo Goffman (1963), o fato de outras pessoas conhecerem ou não o estigma de um indivíduo, depende de um outro fator além de sua visibilidade corrente, ou seja, contato anterior ou fofocas. A “*invisibilidade*”, sem dúvida, é uma das várias estratégias utilizadas pelos professores na tentativa de minimizar o contato mais próximo nas interações com esses estudantes. Grosso modo, eles tentam ao máximo, mesmo que não confirmando essa atitude nas falas, isolarem-se de qualquer intimidade e aproximação com os jovens. Tentam manter um certo distanciamento, sobretudo, dos alunos, rotulados de marginais, inclusive.

Podemos caracterizar o processo de “*invisibilidade*”, então, como uma prática, sobretudo, docente, em que busca estrategicamente o isolamento, no que se refere às interações com os estudantes. Nessa ação, o professor cria estratégias na tentativa de diminuir a possibilidade de contato com os jovens.

Assim, podemos elucidar algumas respostas as nossas indagações que permearam o processo da presente pesquisa:

A) A escola, em particular, os profissionais da escola, utilizam os estigmas e rótulos como forma de manutenção do controle e do funcionamento “tradicional” escolar. Os estigmas que eram utilizados pelos referidos profissionais da escola, nas interações com os jovens da Família Marley, se constituíam, ora na descaracterização como alunos da escola, ora pela forte ligação com o contexto desviante: aluno ruim, incompetente, irresponsável, favelado, marginal.

B) Foi observado durante toda a pesquisa que, os profissionais da escola não continham informações concretas do envolvimento dos jovens com o contexto criminoso e desviante. Utilizavam informações de “corredores”, de outros funcionários da escola que moravam na região, para estigmatizar os jovens da Família Marley.

**PALAVRAS-CHAVES:** Escola, Estigma, Violência, Professores, Alunos

**REFERÊNCIAS:**

BECKER. Howard. **Outsiders**: estudos sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1963.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.